



## **A teoria das representações sociais, a construção da realidade e o jornalismo<sup>1</sup>**

Renata Echeverria<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

Este artigo pretende analisar como foi construída a Teoria das Representações Sociais por Serge Moscovici, para depois estabelecer possibilidades de relações entre a construção da realidade, o fenômeno da comunicação social e o Jornalismo. Um Jornalismo, que no nosso entender, ocupa um lugar central na contemporaneidade e na fabricação do tempo presente. Com a contribuição de diversos pesquisadores, vamos tecer o argumento de que o jornalismo é uma forma específica de conhecimento, que ele ajuda a explicar a realidade e que a prática jornalística participa diretamente na produção dos fatos e acontecimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** representações sociais; construção da realidade; jornalismo; comunicação.

### **1. Introdução**

A Teoria das Representações Sociais teve origem na Europa com a publicação feita por Serge Moscovici (1961) de seu estudo *La Psychanalyse: son image et son publique*. O conceito de representação social ou coletiva nasceu na sociologia e na antropologia, nas obras de Durkheim e Lévi-Bruhl. O estudo das representações sociais de Serge Moscovici, no contexto da Psicologia Social, que considera que nunca podemos obter nenhuma informação que não tenha sofrido distorções, defende que, só através da comunicação social somos capazes de nos ligar uns aos outros ou de nos distanciarmos.

Para ele, a representação social tem como uma de suas funções principais convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos, dando forma definitiva e as localizando em uma determinada categoria, como forma de colocar um modelo que será compartilhado por um grupo de pessoas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.



<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação/PPGCOM, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, email: renataecheverria@uol.com.br

Para entender a tese de Moscovici, que explica os fenômenos sociais da modernidade como os da comunicação, acreditamos ser imprescindível conhecer o trabalho de um dos teóricos que mais influenciaram Moscovici na construção de sua teoria. Este artigo pretende apontar algumas contribuições do sociólogo Émile Durkheim, que norteou Moscovici na construção da Teoria das Representações Sociais, além de analisar as relações entre a Teoria das Representações Sociais e o jornalismo como possibilidades de construção social da realidade e fabricação do presente.

## **2. Durkheim e as representações coletivas**

Para Serge Moscovici a noção de representação coletiva de Durkheim descreve, ou identifica uma categoria coletiva que deve ser explicada de forma diferenciada, em nível da Psicologia Social. Para Durkheim as representações coletivas abrangiam uma cadeia completa de formas intelectuais: ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, qualquer tipo de ideia, emoção ou crença, que ocorresse dentro de uma comunidade. Moscovici julgou mais adequado estudar, num conceito moderno, o termo “representações sociais” do que “representações coletivas”. Para ele, seria impossível cobrir um raio de conhecimento tão amplo e demasiado heterogêneo. Era visível para Moscovici que o modelo de sociedade de Durkheim era pensado para uma época em que as mudanças se processavam lentamente.

Na obra, *As Regras do Método Sociológico* (1895), Durkheim afirma que os “conceitos” são representações coletivas, sendo eles comuns a um grupo social inteiro, não seriam abstrações que só teriam realidade nas consciências particulares. Seriam representações que correspondem à maneira como a sociedade pensa as coisas de sua experiência própria:

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. (DURKHEIM, 2001, p.21).

Para Durkheim, as representações coletivas, como fatos sociais, exercem uma influência coercitiva sobre as consciências particulares. Ainda no livro, *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim institui a primeira regra e a mais fundamental, a de



“considerar os fatos sociais como coisas”. Para Durkheim, “não é possível o homem viver no meio das coisas sem fazer delas ideias segundo as quais o seu comportamento é regulado.” (DURKHEIM, 2001, p.42). É por isso que de alguma forma, as representações estão mais ao nosso alcance do que as realidades a que correspondem se tornando assim naturalmente mais fácil substituir as realidades matéria de nossas especulações. “Em vez de observar as coisas, de descrever, de as comparar, nos contentamos em tomar consciência das nossas ideias, em analisá-las, em combiná-las. Em vez de uma ciência de realidades, não fazemos senão uma mera análise ideológica.” (DURKEHEIM, 2001, p.42 ).

Para Durkheim essas noções ou conceitos não são substitutos legítimos das coisas. Produtos da experiência diária ou vulgar, eles têm como objetivo colocar as nossas ações de forma harmônica com o mundo e conclui que uma representação pode ser capaz de desempenhar este papel, sendo teoricamente falsa.

Para que uma ideia provoque corretamente as ações que a natureza de uma coisa reclama não é necessário que exprima fielmente essa natureza; basta que nos faça sentir o que essa coisa tem de útil ou de prejudicial, como nos pode servir, ou nos pode contrariar. (DURKEHEIM, 2001, p. 43).

Os fatos como descrevem Durkheim, não se realizam senão através dos homens; são resultados da atividade humana. Por consequência esses fatos, segundo ele, parecem não ter realidade senão nas e pelas ideias que são seus germes. Em sua análise da importância das representações na realidade social, Durkheim afirma que não podemos duvidar da sua existência.

Segundo Durkheim, as representações são um produto de experiências repetidas, elas tiram da repetição e do hábito assim adquirido uma espécie de ascendente, de autoridade, contribuindo para nos fazer ver a verdadeira realidade social.

No transcurso de sua obra, Durkheim trata o tema das representações coletivas também no livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), abordando mais especificamente estas representações. Para o sociólogo, a religião nasceu da consciência do indivíduo, ela responde a aspirações individuais e que só secundariamente adquiriu uma forma coletiva. Para ele, a religião é uma coisa eminentemente social.

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas: os ritos são a maneira de agir que não nasceram senão no seio de grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais destes grupos. (DURKHEIM, 1996, p. 155).



Ele descreve “representações coletivas” como os mitos, as lendas populares, as concepções religiosas de toda espécie, as crenças morais, etc., que exprimem outra realidade diferente da individual.

Outro ponto relevante na obra de Durkheim é quando ele destaca o dinamismo das “categorias do pensamento humano.” Durkheim também afirma que estas categorias não são dadas a priori e não são universais na consciência, mas surgem ligadas aos fatos sociais. Segundo ele, as representações mudam de forma constante de acordo com o lugar e o tempo, se fazem se desfazem e se refazem. Diz que as categorias do pensamento humano são representações essencialmente coletivas: elas respondem de maneira pela qual são construídas e organizadas; de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas, etc. Durkheim afirma que as representações coletivas influenciam as individuais.

Para Durkheim o homem é um duplo. No homem existem dois seres: um individual que tem sua base no organismo e cuja capacidade de ação é limitada e um ser social, de ordem intelectual e moral, que só é possível de se conhecer através da observação. “Foi da sociedade que as tomamos para projetá-las em seguida em nossa representação do mundo. Foi a sociedade que forneceu o suporte sobre o qual trabalhou o pensamento lógico.” (DURKHEIM, 1996, p.146).

Outro ponto relevante da contribuição de Durkheim para a construção da Teoria das Representações Sociais de Moscovici é a abordagem que ele faz da linguagem. Durkheim afirma que a linguagem e o sistema de conceitos que ela produz são o produto de uma elaboração coletiva. Para ele o “conceito” é uma representação essencialmente impessoal, é através dele que as inteligências humanas se comunicam.

Ora, não há dúvida de que a linguagem e, portanto, o sistema de conceitos que ela traduz, é o produto de uma elaboração coletiva. O que ela exprime é a maneira como a sociedade em seu conjunto representa os objetos da experiência. As noções que correspondem aos diversos elementos da língua são, portanto, representações coletivas. (DURKHEIM, 1996, p.482).

Mas para Durkheim muitas vezes esses sistemas de “conceitos” exprimem certas fragilidades, transmitindo e reformulando representações sociais inconsistentes, nem sempre o que queremos dizer é compreendido pelo outro.



Na relação que Durkheim faz sobre linguagem e seu sistema de “conceitos” ele afirma que muitas vezes o termo “conceito” exprime, com frequência, coisas que nunca percebemos experiências que nunca tivemos ou das quais jamais fomos testemunhas. “Daí termos tanta dificuldade em nos entender; daí, muitas vezes até, mentirmos, sem querer, uns aos outros: é que empregamos as mesmas palavras, sem lhes darmos todos o mesmo sentido”.

(DURKHEIM, 1996, p. 484).

Para Durkheim o pensamento lógico estava fundado na experiência coletiva, pois, segundo ele, foi sob a forma de pensamento coletivo que o pensamento impessoal pela primeira vez se revelou à humanidade. “Pelo simples fato de existir a sociedade, existe também, fora das sensações e das imagens individuais, todo um sistema de representações que gozam de propriedades maravilhosas. Graças a elas, os homens se compreendem, as inteligências se interpretam. (DURKHEIM, 1996, p.485).

Durkheim enfatiza que o conceito, que primitivamente é considerado verdadeiro por ser coletivo, tende a somente se tornar coletivo se considerado verdadeiro. Mas acrescenta que a grande maioria dos conceitos que utilizamos não são metodicamente constituídos; são extraídos da linguagem, isto é, da experiência comum. Para ele, uma representação coletiva, por ser coletiva, já apresenta garantias de objetividade. Para Durkheim, o que confere a confiança que os conceitos científicos inspiram é que eles podem ser metodicamente controlados. E acrescenta que o valor que damos a ciência vai depender da ideia que fazemos coletivamente de sua natureza e de seu papel na vida, dito de outra forma, ela manifesta um estado de opinião: “Os conceitos, mesmo quando constituídos de acordo com todas as regras da ciência, estão longe de derivar sua autoridade unicamente de seu valor objetivo”.

(DURKHEIM, 1996, p. 487). E vai mais além: “a opinião, coisa social por excelência, é, portanto uma fonte de autoridade, e pode-se mesmo perguntar se toda autoridade não é filha da opinião? (DURKHEIM, 1996, p.213).

Em síntese, Émile Durkheim reconhece que acima do indivíduo existe a sociedade. E que se a sociedade é algo de universal em relação ao indivíduo, ela própria não deixa de ser uma individualidade que tem sua fisionomia pessoal; ela é um sujeito particular, que, por conseguinte, particulariza o que pensa. Portanto, também as representações coletivas contêm elementos subjetivos e é necessário que elas sejam progressivamente depuradas para se parecer mais próxima das coisas. Durkheim diz que há dois mundos antagônicos do qual participamos igualmente: o mundo da matéria e dos sentidos, e o mundo da razão pura e impessoal. Para responder por que esses dois mundos, que parecem tão contraditórios, não permanecem fora um do outro, Durkheim afirma:

Todo mistério desaparece a partir do momento em que se reconheceu que a razão impessoal é somente outro nome dado ao pensamento coletivo. Pois este só é possível através do agrupamento dos indivíduos; portanto, ele supõe os indivíduos, e os indivíduos por sua vez, o supõem, já que não podem se manter sem ser um grupo [...] Em uma palavra, há impessoal em nós porque há social em nós, e, como a vida social compreende ao mesmo tempo representações e práticas, essa impessoalidade estende-se naturalmente tanto às ideias quanto aos atos. (DURKHEIM, 1996, p.497).

### **3. Abordagens contemporâneas e o fenômeno social da comunicação**

Moscovici afirma que a representação social é um tipo de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. Ele vai mais além: diz que as representações sociais entram para o nosso mundo cotidiano e circulam na mídia que lemos e olhamos.

As representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. (MOSCOVICI, 2009, p.8).

A relação entre representações e influências comunicativas é sutilmente perceptível na própria definição que o autor dá a representação social. Ele diz que é um sistema de valores, ideias e práticas que tem uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem no mundo e controlá-lo; segundo, possibilitar que a comunicação seja possível entre os indivíduos de uma comunidade, através de um código que tornará possível nomear e classificar os vários aspectos do mundo. (MOSCOVICI, 2009).

A Teoria de Moscovici investiga também como os indivíduos conseguem construir uma realidade estável em meio a tanta diversidade. Segundo Moscovici é esta ordenação das coisas do mundo que nos faz perguntar o “por quê?” das coisas e como elas se apresentam. Segundo o teórico, o dito não é uma mera imagem, mas expressa um processo de pensamento, um imperativo – a necessidade de decodificar todos os signos que existem em nosso ambiente social que nós não podemos deixar sós, até que seu sentido, não tenha sido localizado. (MOSCOVICI, 2009).

De acordo com Moscovici, as representações tornam o não-familiar em algo familiar. Para ele, todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações: “sempre e em todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes”. (MOSCOVICI, 2009, p.40).



Para Moscovici, as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. “Ela ocupa, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”. (MOSCOVICI, 2003, p.46). Em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. As representações que interessam a Moscovici são as da sociedade atual, que nem sempre tem tempo suficiente para se sedimentar para se tornarem tradições imutáveis, estão sempre em mudanças:

Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. (DURKHEIM, 2003, p.48).

Moscovici identifica como característica específica dessas representações a de que elas “corporificam ideias” em experiências coletivas e interações em comportamentos. Para Moscovici, uma representação social é uma preparação para a ação; ela não é somente quando guia o comportamento, mas muito mais na medida em que remodela os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar.

#### **4. Representações sociais, construção da realidade e comunicação**

Os sociólogos Berger e Luckmann, no livro *A Construção Social da Realidade* (1996), trazem a hipótese de que o mundo da vida cotidiana é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Destacam ainda que para compreender esta realidade seja preciso tentar esclarece os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, as objetivações dos processos e significações subjetivas graças às quais: “é construído o mundo intersubjetivo do senso comum”. (BERGER & LUCKMANN, 2009, p.36).

Muitos pesquisadores se apropriaram da ideia dos dois sociólogos, de que a realidade é construída socialmente, e não hesitaram em afirmar que “o jornalismo



constrói a realidade”. Suposição criticada por alguns teóricos que deixaremos para aprofundar no final desse artigo.

Na compreensão da diversidade e multiplicidade das representações sociais com outras disciplinas próximas, Denise Jodelet (2001) confere ao tratamento psicossociológico da representação um estatuto transversal que interpela e articula diversos campos de pesquisa:

Para o sociólogo ela explica comportamentos políticos (Michelat e Simon, 1997) e religiosos (Maitre, 1972) e aparece, via sua objetivação na linguagem e sua aceitação pelo discurso político, como fator de transformação social (Bourdieu, 1982; Faye, 1973). Desde 1961, algumas propriedades são atribuídas à representação social por Moscovici, com quem convergem, por outro lado, a Sociologia do conhecimento elaborada no quadro do interacionismo simbólico (Berger e Luckmann, 1996), a Etnometodologia (Cicourel, 1973) e a Fenomenologia (Schutz, 1962) que relacionam a realidade a uma construção consensual, estabelecida na interação e na comunicação. (JODELET, 2001, p. 24-25).

Segundo Jodelet, alguns autores deixaram bem claros o vínculo existente entre comunicação social e representações sociais. Para Jodelet, a comunicação desempenha papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual e finalmente, remete a fenômenos de influência e de pertença sociais decisivos para a elaboração dos sistemas intelectuais. Assim, a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento social. (JODELET, 2001, p.30).

Jodelet afirma que os processos de formação das representações explicam sua estruturação. Isto vale particularmente para a objetivação, processo evidenciado por Moscovici e enriquecido por diversos autores. Segundo ela o processo é decomposto em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização: “as duas primeiras, sobretudo, manifestam, como tivemos a oportunidade de observar, o efeito da comunicação e das pressões, ligadas à pertença social dos sujeitos, sobre a escolha e a organização dos elementos constitutivos da representação”. (JODELET, 2001, p.38).

Assim como Moscovici, Jodelet também afirma que a estrutura das representações também é composta por outro processo, a ancoragem, assegurando sua incorporação ao social. “Por um lado, a ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência”. (JODELET, 2001, p.38).





Pedrinho Guareschi (1994) afirma que são diversos os elementos que estão ligados ao conceito:

Ele é um conceito dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural. Possui uma dimensão histórica e transformadora. Junta aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos. “Está presente nos meios e nas mentes, isto é, ele se constitui numa realidade presente nos objetos e nos sujeitos”. (GUARESCHI, 1994, p. 202).

Guareschi afirma que a comunicação é central à Psicologia Social e ressalta que o psicólogo social Serge Moscovici não teve receio de afirmar que o objeto central e exclusivo da psicologia social, deveria ser o estudo de tudo o que se refira à *ideologia* e à *comunicação*. (GUARESCHI, 2005).

Guareschi ressalta o caráter inovador que a comunicação representa nas sociedades modernas, a sua ampliação e penetração em todas as esferas e a importância do fenômeno dos meios de comunicação. Guareschi defende que a comunicação hoje constrói a realidade: “Queremos apenas dizer que realidade, aqui, significa o que existe, o que tem valor, o que traz as respostas, o que legitima e dá densidade significativa a nosso cotidiano. Algo passa a existir, hoje, ou deixa de existir, se é, ou não, mediado”. (GUARESCHI, 2005, p.82).

Sandra Jovchelovitch (2000), outra pesquisadora da Teoria das Representações Sociais, afirma que a comunicação constituísse como mediação, em um mundo feito de mundos infinitamente diversos. Para Jovchelovitch, são as mediações sociais, em todas as suas formas públicas, que geram as representações sociais. E ainda, que os meios de comunicação, finalmente aparecem como os principais mediadores contemporâneos tanto das representações sociais como da esfera pública.

Ao tornar-se a forma mais difundida de comunicação social das sociedades contemporâneas, os meios de comunicação de massa informam e formam a esfera pública. Eles o fazem de tal forma que informação e representações sobre a esfera pública substituem toda e qualquer experiência na esfera pública. (JOVCHELOVITCH, 2000, p.86).

#### **4. Jornalismo e o tempo presente**

Carlos Eduardo Franciscato (2005) defende que um dos modos de atuação do jornalismo está na construção da experiência social do presente. Para ele, o jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente.



Entendendo por evento, explica ele, uma construção social baseada em situações que ganham características e reconhecimento coletivo por meio de operações simbólicas. (FRANCISCATO, 2005).

Franciscato defende, em sua tese, entre outros conceitos sobre “a fabricação do presente”, que os eventos jornalísticos não são apenas marcadores simbólicos, mas definições sobre modos de viver o presente. “Como produções sociais, surgem de convenções estabelecidas historicamente, como o uso da unidade do dia, mês ou ano para delimitar um intervalo de atividade humana e, particularmente, para dar uma noção de presente, passado e futuro”. (FRANCISCATO, 2005, p. 21).

Franciscato aponta como um dos componentes essenciais para entender o papel do jornalismo na fabricação do presente das sociedades contemporâneas, a temporalidade e a atualidade, definindo assim, as relações que o jornalismo desencadeia na sociedade:

Sua produção institucional de conteúdos de atualidade oferece à sociedade formas específicas pelas quais, indivíduo e sociedade produzem a sua vivência social de momento presente, tornando-se, muitas vezes, uma das condições necessárias para esta vivência se realizar em alguns tipos de relações sociais. O jornalismo não cria o tempo presente, mas atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social. (FRANCISCATO, 2005, p. 20).

## 5. Concluindo

Para concluir esse trabalho sentimos necessidade de expor algumas observações sobre o jornalismo e a construção social da realidade. No texto: *Jornalismo e construção social do acontecimento*, recentemente publicado no livro, *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos* (2010), Eduardo Meditsch critica a apropriação que alguns pesquisadores fazem ao construcionismo. Meditsch propõe repensar a contribuição de Berger e Luckmann sobre a construção social da realidade, para recolocar o problema do acontecimento jornalístico nesta construção (2010:19). Para ele, a ideia do acontecimento é uma posição discordante da que afirma que “o jornalismo constrói a realidade”. Ele diz:

A afirmação de que “o jornalismo constrói a realidade” está presente em dezenas de textos acadêmicos da área da comunicação, quase sempre como pressuposto, que por isso mesmo não requer demonstração teórica nem empírica para ser repetidamente afirmado. [...] O que talvez esses autores não saibam é que o conceito de construção social da realidade – criado por eles 30 anos antes – tenha se tornado uma dessas suposições enganosas ao ser aplicado aos estudos de mídia e do jornalismo. (MEDITSCH, 2010, p.20).



A provocação que Eduardo Meditsch faz ao dizer que o conceito criado por Berger e Luckmann é apropriado por alguns autores de forma descuidada dá a oportunidade para que os teóricos e pesquisadores sobre o tema façam uma investigação maior sobre as origens, os fundamentos, propósitos e limites para se compreender melhor os fatos como construções humanas e o jornalismo como um campo que participa da produção dos acontecimentos.

Para Meditsch, a releitura de Berger e Luckmann e o confronto com os autores da teoria do jornalismo podem tornar possível uma maior aproximação de como se dá a construção social da realidade e de como o jornalismo tem participação na produção dos acontecimentos:

O jornalismo, como instituição, e seus agentes participam de produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais. O jornalismo é também uma forma de objetivação da exteriorização do homem, entre outras tantas desenvolvidas pelas tecnologias intelectuais contemporâneas. (MEDITSCH, 2010, p.40-41).

A nova abordagem feita por Meditsch, questionando o pressuposto de que o jornalismo constrói a realidade, requer estudos mais aprofundados, mas esperamos ter contribuído para a corrente de pesquisadores que busca entender o jornalismo como uma forma específica de conhecimento da atualidade, onde o tempo presente é o tempo da contemporaneidade. Para nós, um tempo construído e na maioria das vezes “fabricado” pelos meios de comunicação. Um tempo, como cita Franciscato: televidido, televivenciado, eletrônico, enquadrado e porque não como descreve outros teóricos, “é-ditado”?

De acordo com Meditsch, quando se discute a construção da realidade na perspectiva de Berger e Luckmann, deve-se ficar claro que: “o jornalismo pode ser incluído entre os atores que contribuem significativamente para essa construção – tanto para a realidade objetiva quanto para a realidade subjetiva -, mas não como o ator único e nem principal.(2010: 25).

Entendemos que ainda será necessário muito esforço para entender este mundo que alguns acreditam construído, elaborado e fabricado pelos meios de comunicação, e, por isso, achamos necessário neste artigo traçar tentativas e tecer relações entre a teoria das representações sociais, a construção da realidade e as teorias do campo jornalístico, que são, em nossa opinião, outras formas de percepção e construção do mundo social, criado



por um tipo específico de prática que ocupa cada vez mais, um lugar central na vida de todos nós, seres humanos.

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2009.

BENETTI, Márcia; PRADELINA DA SILVEIRA FONSECA, Virgínia (orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo; Editora Martin Claret Ltda., 2001.

\_\_\_\_\_. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo; Martins Fontes, 1996.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Aracaju, SE; Editora UFS, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. 3ed. Porto Alegre, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A., JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**: Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro; EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

